

PARA O MUNDO, ELES ERAM UM ESCÂNDALO.  
UM PARA O OUTRO, UMA OBSESSÃO.

# OS FAVORITOS

# LAYNE FARGO

TOP  
SEL  
LER

*Para a Katharina, a Tonya, a Surya e todas  
as outras mulheres extraordinárias que me ensinaram  
o que significa cada um vencer à sua maneira.*

Hoje é o décimo aniversário do pior dia da minha vida.

Como se pudesse esquecer-me, com milhões de desconhecidos tão ansiosos por me lembrarem. Estou certa de que viram as reportagens, as capas das revistas, as publicações nas redes sociais. Talvez estejam a planear aninhar-se no sofá esta noite com uma taça de pipocas para uma maratona da série documental que estreou para comemorar a ocasião. Relaxar e tirar prazer da desgraça alheia.

Força. Desfrutem do espetáculo. Mas não se iludam ao achar que me conhecem. Por esta altura, já ouvi de tudo: a Katarina Shaw é uma cabra, uma diva, tem mau perder, é uma mentirosa manipuladora. Impiedosa, traidora, criminosa. Desesperada por atenção, uma puta. Até uma assassina.

Chamem-me o que quiserem. Já não quero saber. A minha história é minha e eu vou contá-la da mesma forma que patinava: à minha maneira.

Veremos quem vence no fim.

**NARRADOR:** Eram uma obsessão.

*Os patinadores artísticos Katarina Shaw e Heath Rocha sorriem e fazem uma vénia perante uma multidão de fãs aos gritos nos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014 em Sochi, na Rússia.*

**NARRADOR:** Depois, um escândalo.

*Shaw e Rocha, novamente rodeados por uma multidão. Desta vez, são os paparazzi quem grita o nome deles, numa confusão de obturadores e flashes, enquanto abandonam o seu hotel em Sochi. O par abre caminho por entre a multidão com expressões sombrias, o braço de Heath pousado sobre os ombros de Katarina.*

**NARRADOR:** E, por fim... uma tragédia.

*O comentador desportivo da NBC, Kirk Lockwood, está em direto dos Jogos Olímpicos de Sochi. «Em todos os meus anos como jornalista de patinagem», diz, abanando a cabeça com ar grave, «nunca vi nada assim».*

**NARRADOR:** Agora, pela primeira vez, aqueles mais próximos de Katarina Shaw e Heath Rocha vão partilhar as suas histórias, lançando uma nova luz sobre o que levou aos acontecimentos sem precedentes daquela fatídica final olímpica.

*O ex-atleta olímpico de dança no gelo, Ellis Dean, fala com um jornalista num bar em West Hollywood.*

**ELLIS DEAN:** Costumávamos brincar e dizer que ou iriam morrer nos braços um do outro, ou às mãos um do outro. Não havia meio-termo.

*A treinadora de patinagem artística, Nicole Bradford, é entrevistada na sua cozinha, nos subúrbios do Illinois.*

**NICOLE BRADFORD:** Foram os patinadores mais talentosos com quem já trabalhei, sem dúvida. Mas, olhando para trás... sim, dava para perceber que não iria ser pacífico.

*Jane Curren, jurada da Federação de Patinagem Artística dos Estados Unidos da América, fala para a câmara numa pista de patinagem no Colorado.*

**JANE CURRER:** Como haveríamos de saber? Como haveria alguém de saber?

*Vê-se uma sucessão de imagens rápidas: Katarina e Heath patinando juntos em crianças. Depois, mais velhos, sorrindo em cima de um pódio, com medalhas de ouro ao pescoço. Finalmente, gritando um com o outro, a maquilhagem de Katarina esborratada, a mão puxada atrás num gesto de agressão.*

**ELLIS DEAN:** De uma coisa tenho a certeza. Nunca haverá uma dupla como a Kat e o Heath.

*Transição lenta para uma fotografia do rink de patinagem em Sochi. Salpicos de vermelho-vivo mancham os anéis olímpicos.*

**ELLIS DEAN:** E sabe que mais? Talvez seja melhor assim.

**NARRADOR:** Apresentamos...

## OS FAVORITOS:

*A História de Shaw & Rocha*

PARTE I

*Os Aspirantes*

# CAPÍTULO 1

Assim que me senti satisfeita, passei-lhe a faca.

O Heath pôs-se de joelhos e eu espreguicei-me no espaço quente que ele deixou na cama, observando-o: a forma como o seu cabelo preto brilhava ao luar, a pressão dos dentes no lábio inferior enquanto se concentrava e deixava a primeira marca com a ponta da lâmina. Era mais preciso do que eu fora, desenhando linhas curvas e elegantes sob os meus golpes selvagens.

Quando ele acabou, a inscrição dizia *Shaw & Rocha*. Seria assim que os nossos nomes apareceriam escritos na tabela de classificação do nosso primeiro Campeonato de Patinagem Artística dos Estados Unidos da América, dali a poucos dias. Seria assim que seriam anunciados nas cerimónias de atribuição de medalhas, noticiados nos jornais e introduzidos nos livros de recordes. Gravámos as letras no centro da antiga cabeceira da minha cama, em pau-rosa, profundas o suficiente para que nenhuma lixa pudesse apagá-las.

Tínhamos 16 anos e estávamos tão certos de tudo.

As nossas malas estavam já prontas para o campeonato nacional, os fatos e os patins bem arrumados numa pilha junto à porta do quarto. Embora tivéssemos passado muitos anos a aguardar, a trabalhar e a prepararmo-nos para aquele momento, aquelas últimas horas pareceram uma tortura. Apetecia-me partir imediatamente.

Desejava não termos de voltar.

O Heath pousou a faca na mesa de cabeceira e sentou-se ao meu lado a admirar a nossa obra.

— Estás nervosa? — sussurrou.

Olhei para trás dele, para a colagem de fotografias penduradas em torno do vitral da janela mal isolada: imagens da minha patinadora artística favorita, a Sheila Lin. Vencera duas vezes a medalha de ouro em dança no gelo, uma lenda viva. A Sheila nunca parecia nervosa, independentemente da pressão que enfrentava.

— Não — respondi.

O Heath sorriu e enfiou a mão pelas costas da camisola velha do *Stars on Ice* 1996 com que eu dormia sempre.

— Mentirosa.

O mais próximo que alguma vez estivera da Sheila Lin na vida real tinha sido nos lugares mais distantes da pista quando fui ver esse espetáculo. O meu pai comprou-me uma fotografia comemorativa assinada por ela, que eu coleí na parede com o resto do meu santuário. A Sheila era a mulher e a atleta que eu queria ser, não quando crescesse, mas o mais depressa possível.

Quando a Sheila e o parceiro dela, o Kirk Lockwood, conquistaram o seu primeiro título nos Estados Unidos, ela ainda era adolescente. Vencer era uma hipótese remota para mim e para o Heath, uma vez que nunca competíramos a nível nacional. Qualificáramo-nos na época anterior, mas não tínhamos possibilidade de viajar até ao local da competição, em Salt Lake City. Felizmente, desta vez, o campeonato seria em Cleveland, à distância de uma viagem de autocarro relativamente curta e barata. Estava certa de que esta competição iria mudar a nossa vida.

Tinha razão. Apenas não como imaginara.

O Heath beijou-me o ombro.

— Bom, *eu* não estou nervoso. Vou patinar com a Katarina Shaw. — Disse o meu nome de forma lenta e reverente, saboreando o som. — E não há nada que ela não seja capaz de fazer.

Ficámos a olhar um para o outro na penumbra, tão próximos que respirávamos o mesmo ar. Mais tarde, tornámo-nos mundialmente famosos por isso mesmo: por prolongar o momento antes de um beijo até ser quase insuportável, até cada elemento do público sentir o acelerar da nossa pulsação, o desejo puro refletido no nosso olhar.

Mas tudo isso era coreografado. Isto era real.

A boca do Heath encontrou finalmente a minha, demorando-se, delicada. Achávamos que a noite seria toda nossa.

Quando ouvimos o som dos passos, já era tarde demais.

*Nicole Bradford, uma loura de meia-idade com um casaco de malha brilhante e muita maquilhagem, está sentada na ilha central da sua cozinha suburbana de sonho em tons de branco.*

**NICOLE BRADFORD (treinadora de patinagem artística):** Há sempre uma tendência que segue os Jogos Olímpicos de Inverno. Imensas miúdas que se acham destinadas a tornar-se estrelas. Embora, geralmente, não sejam tão intensas como a Katarina Shaw.

*Fotografias de família mostram Katarina em criança vestindo vários fatos de patinagem. Numa delas, está em frente a uma parede coberta de fotografias de Sheila Lin, imitando a pose de Sheila na imagem central.*

**NICOLE BRADFORD:** Na sua primeira aula, a Katarina disse que seria uma patinadora de dança no gelo tão famosa como a Sheila Lin. As outras raparigas passaram a detestá-la imediatamente.

*Katarina, aos 4 anos, patina sozinha com uma expressão séria e o cabelo apanhado em dois totós malfeitos.*

**NARRADOR:** Embora o seu nome acabasse por se tornar sinónimo de dança no gelo, Katarina Shaw passou a primeira fase da sua carreira como patinadora individual, uma vez que não havia rapazes disponíveis com quem fazer par.

*Ellis Dean está sentado num banco alto de um bar chique, com um copo de martíni na mão. Aos 40 e poucos anos, mostra um sorriso irreverente e o cabelo cuidadosamente penteado.*

**ELLIS DEAN (ex-atleta de dança no gelo):** Há *pouquíssimos* homens a querer fazer dança no gelo. Pelo menos, nos pares, dá para fazer saltos, lançar miúdas giras ao ar e apanhá-las pelo meio das pernas. Para quem gosta desse tipo de coisa.

**NARRADOR:** A dança no gelo talvez seja a modalidade menos compreendida da patinagem artística.

*Imagens de arquivo de patinadores a competir na prova de dança no gelo dos Jogos Olímpicos de Inverno de 1976 em Innsbruck, na Áustria. Foi o primeiro ano em que a dança no gelo foi disputada como desporto olímpico.*

**NARRADOR:** Inspirada nas danças de salão, a dança no gelo baseia-se em passos difíceis e numa estreita parceria entre os patinadores, contrariamente às elevações acrobáticas e saltos atléticos vistos noutras provas.

**ELLIS DEAN:** Muitas atletas de dança no gelo começam a patinar com os irmãos, pois são os únicos tipos que conseguem convencer. A Kat Shaw não tinha essa opção.

## CAPÍTULO 2

A porta abriu-se e o meu quarto encheu-se de uma mistura fedorenta de Marlboros, Jim Beam e odor corporal.

Era o meu irmão mais velho, o Lee.

Eu e o Heath levantámo-nos de um salto. O meu irmão não queria o Heath em nossa casa, muito menos no meu quarto. O que só nos inspirava a descobrir maneiras criativas de ele se esgueirar lá para dentro. Se o Lee estivesse sóbrio (uma ocorrência cada vez mais rara), limitava as suas objeções a comentários sarcásticos, ou talvez ao arremesso de um ou outro objeto inanimado contra a parede.

Quando estava bêbedo, não tinha limites.

— Que raio está ele a fazer aqui? — O Lee transpôs a porta a cambalear. — Eu disse-te...

— *Eu* disse-te a *ti* para não entrares no meu quarto.

Costumava trancar a porta e deixar a chave de latão baço na fechadura para o Lee não conseguir espiar-nos através do buraco. Até ele decidir arrombar a porta e estragar a fechadura.

— Esta casa é *minha*. — O Lee espetou um dedo na direção do Heath. — E ele não é bem-vindo.

Num movimento suave como um passo de dança, o Heath pôs-se à minha frente e sorriu de uma forma que ambos sabíamos apenas irritar mais o Lee.

— A Katarina quer-me aqui — disse ele. — E também...

O Lee avançou, agarrando o Heath pelo braço e puxando-o para o corredor.

— Para! — gritei.

O Heath agarrou-se à ombreira da porta, cravando as unhas no friso estalado. Como atleta de competição, estava em muito melhor forma, mas o Lee era uns bons centímetros mais alto e bastante mais pesado. Bastou um puxão violento para o Heath largar a porta.

— Lee! Já *chega*.

Não era a primeira vez que desejava que tivéssemos vizinhos próximos o suficiente para ouvirem o alvoroço e chamarem a polícia. Mas a nossa casa ficava no meio do nada, rodeada apenas por uma floresta virgem e a fria imensidão do Lago Michigan.

Ninguém viria ajudar-nos.

Fui atrás deles, agarrando no colarinho da camisa do Lee, puxando-lhe o cabelo oleoso, tudo o que me ocorresse para fazê-lo abrandar. Ele deu-me uma cotovelada nas costelas, fazendo-me recuar.

O Heath tentou pisar os pés do Lee e o Lee atirou-o contra o corrimão. Estavam perigosamente perto do cimo das escadas.

Passaram-me pela cabeça imagens terríveis: o Heath todo partido ao fundo das escadas, uma poça de sangue a alastrar. Ossos perfurando-lhe a pele, de tal modo despedaçados que nunca mais seria capaz de andar, quanto mais patinar.

Pus-me de pé. Corri até ao quarto.

Não me apercebi do que estava a fazer até a faca já estar apontada ao rosto do meu irmão.

— Tira as mãos de cima dele. — Espetei a faca na direção do queixo barbudo do Lee, que olhou para ela com um sorriso indolente. Não acreditava que eu fosse capaz de o magoar.

Mas o Heath conhecia-me bem.

— Katarina. — Quanto mais baixa a voz do Heath, mais rouca soava, acariciando o contorno de cada palavra como uma brisa através dos ramos das árvores. — Por favor. Pousa a faca.

Era apenas uma faquinha de aparar, que tinha tirado de uma gaveta poeirenta da cozinha. Suficientemente afiada para entalhar os nossos nomes na madeira, mas não para ferir alguém com gravidade, muito menos matar. Ainda assim, queria magoar o Lee, só um bocadinho. O suficiente para que tivesse medo de mim.

Olhei para o Heath, como se estivéssemos no meio da pista de patinagem com a nossa música prestes a começar. *Pronto?*

Ele estremeceu e abanou a cabeça. Não desviei o olhar do dele, agarrando na faca com mais força. Percebi que ele achava que isto era uma péssima ideia, mas também não tinha outra melhor.

O Heath baixou o queixo, de modo quase impercetível. *Pronto.*

Lancei-me ao Lee, passando a faca pelo seu bíceps. Ele deu um berro enfurecido e largou o Heath para tentar bater-me. Consegui desviar-me do golpe, mas larguei a arma ao passar pelo meu irmão, correndo pela escada abaixo. O Heath abriu a porta da rua, fazendo entrar uma rajada de vento frio, e parou do outro lado à minha espera.

O Lee cuspiu uma enxurrada de palavras ao tropeçar no último degrau, cambaleando pelo *hall* de entrada. Continuei a correr, com os olhos fixos no Heath. Estava quase lá.

Mas o Lee chegou primeiro. Com uma mão, fechou a porta com um estrondo e trancou-a.

Com a outra, encostou a lâmina ao meu pescoço.

**NICOLE BRADFORD:** A Katarina e o Heath conheceram-se no rink de patinagem, mas ele não era patinador.

**NARRADOR:** Heath Rocha cresceu num orfanato. Aos 10 anos, já tinha vivido com seis famílias diferentes.

**NICOLE BRADFORD:** Não sei bem como era a vida familiar do Heath, por isso não quero estar a criticar. Digamos que os seus pais adotivos não pareciam muito... envolvidos. A primeira vez que ele apareceu no rink foi através de uma instituição de caridade que oferecia programas desportivos gratuitos para crianças daquela zona.

*Zoom lento sobre uma fotografia de jovens rapazes com equipamentos de hóquei, destacando Heath aos 10 anos. É a única criança da fotografia que não é branca.*

**NICOLE BRADFORD:** O Heath inscreveu-se no hóquei e, depois de cada aula, deixava-se ficar no rink, como se não quisesse ir para casa. Quando pensava que ninguém estava a ver, sentava-se nas bancadas a ver a Kat patinar. Era evidente que tinha um fraquinho por ela, o que eu achava fofo.

*Uma fotografia de Katarina, aos 9 anos, a praticar no North Shore Ice Rink, em Lake Forest, Illinois. Ampliando, vê-se uma figura desfocada atrás de si nas bancadas: Heath.*

**NICOLE BRADFORD:** Acabaram por se tornar amigos e ele começou a ir jantar a casa dela. Às vezes, até dormia em casa dos Shaws. Passaram-se meses sem que a Kat mencionasse as suas ambições em relação à dança no gelo. Achei que talvez tivesse esquecido a ideia e estivesse pronta para se dedicar totalmente à patinagem individual. Devia ter calculado que não iria desistir assim tão facilmente.

*Imagem de arquivo do Lago Michigan em pleno inverno, com as suas ondas congeladas.*

**NARRADOR:** Katarina ensinou patinagem artística a Heath em segredo, no lago perto da casa dos Shaws.

**ELLIS DEAN:** Eu comecei a patinar aos 7 anos e já foi tarde. O Heath Rocha tinha quase 11 anos.

*Jane Curren, uma mulher de ar severo na casa dos 70, de cabelo encaracolado pintado de vermelho-vivo e uma écharpe de seda de tom contrastante, está sentada à beira do rink de patinação do Centro de Treino Olímpico em Colorado Springs.*

**JANE CURRER (representante da Federação de Patinação Artística dos Estados Unidos da América):** Enquanto os atletas de dança no gelo tendem a atingir o pico da carreira quando são mais velhos, os patinadores que iniciam qualquer modalidade após a idade média estão em desvantagem. As competências básicas da patinação são a base para o sucesso futuro.

**NICOLE BRADFORD:** Devo admitir que estava extremamente cética. Até que os vi a patinar juntos.

## CAPÍTULO 3

Parei de resistir, deixando o Lee arrastar-me de volta para o primeiro andar e atirar-me para dentro do quarto. Assim que ouvi o arrastar dos seus passos desaparecer pelo corredor, corri até à janela. O Heath estava no relvado lá em baixo, os pés descalços sobre a relva coberta de geada. Quando me viu, deixou descair os ombros, aliviado.

Para janeiro, o tempo estava bastante agradável: não havia neve no chão e o lago ainda não gelara. O Heath já tinha sido expulso com tempo muito pior. Eu costumava atirar-lhe coisas (roupa, comida, cobertores limpos), mas o Lee descobriu e aparafusou o caixilho da janela.

O Heath acenou-me, depois virou-se e caminhou em direção ao bosque. Talvez o Lee já não pudesse trancar a minha porta, mas eu estava praticamente encurralada até ele cair para o lado, o que podia acontecer a qualquer altura entre a meia-noite e o romper do dia. Sabia onde o Heath se escondia em noites como esta e não podia arriscar que o meu irmão destruísse isso também.

Encostei a mão ao vidro, como se pudesse tocar no Heath à distância, e fiquei ali até ele desaparecer por entre os ramos retorcidos das acácias-bastardas. Quando me afastei, a palma da minha mão deixou uma marca vermelha no vidro.

Esperava que o meu irmão ainda estivesse a sangrar.

Desde a morte do nosso pai que era o Lee quem mandava (embora fosse apenas cinco anos mais velho do que eu e praticamente incapaz de cuidar de si próprio), e ele considerava o Heath uma má influência. Era um grande atrevimento da sua parte preocupar-se com a «influência» do Heath, uma vez que trazia uma rapariga diferente para casa todas as semanas. Já perdera a conta às noites que passara com uma almofada sobre a cabeça, tentando abafar os sons dos orgasmos obviamente falsos daquelas pobres raparigas.

A comunicação social gosta de transformar os meus primeiros anos com o Heath numa cena sórdida tipo *Herdeiros do Ódio*: os dois

a crescermos juntos como irmãos (o que não aconteceu), livres para explorar a nossa inegável paixão um pelo outro (quem me dera).

A verdade, acreditem ou não, é que eu e o Heath ainda éramos virgens aos 16 anos. Beijávamo-nos, claro, tocávamo-nos, afastávamos a roupa para podermos sentir a pele um do outro. Sabíamos como fazer o outro suspirar, gemer e estremecer de prazer. Eu sabia que ele queria mais. Eu também queria.

Em certos aspetos, parecia absurdo esperar. Afinal, partilhávamos já uma intimidade que até certos adultos em relações há vários anos acham difícil de compreender. Andávamos juntos na escola, patinávamos juntos, passávamos os dias praticamente todos juntos, e as noites também, quando conseguíamos evitar o meu irmão.

Apesar disso, a viagem que se aproximava para o campeonato nacional seria a primeira vez que estaríamos verdadeiramente por nossa conta. Tecnicamente ainda tínhamos uma treinadora, embora mal tivéssemos dinheiro para pagar à Nicole. O testamento do meu pai dividia tudo irmãmente entre mim e o Lee, incluindo a casa, mas eu só podia aceder à minha metade do património quando fizesse 18 anos.

A Nicole ajudava-nos tanto quanto podia (arranjando-nos *part-times* no ringue para financiar o tempo que passávamos na pista e auxiliando com a coreografia, uma vez que contratar um profissional estava fora do nosso alcance), mas pedir-lhe que abdicasse de dias com aulas pagas para viajar connosco de graça estava fora de questão. Iríamos sozinhos, ficando várias noites num motel decadente que reserváramos porque o alojamento oficial da prova era demasiado caro.

Qualquer rapariga adolescente normal ficaria ansiosa por aproveitar a falta de supervisão. Mas eu não era uma rapariga adolescente normal. Ia ser campeã olímpica e não faria nenhuma parvoíce que pusesse isso em causa. Como esfaquear o meu irmão, por muito que o merecesse. Ou engravidar e ter de gastar as nossas economias cada vez mais reduzidas num aborto.

Toda a gente pensa que o Heath Rocha foi o meu primeiro amor. Não foi.

O meu primeiro amor foi a patinagem artística.

Tudo começou em fevereiro de 1988, ano dos Jogos Olímpicos de Inverno de Calgary. Eu tinha 4 anos e, apesar de já ser bastante tarde,

estava ainda acordada a ver a última noite da competição de dança no gelo.

A Lin e o Lockwood foram o último par a pisar a pista. Enquanto posavam no centro do rink, aguardando a primeira nota da sua música, a câmara aproximou-se, passando pelo Kirk, com o seu fato justo e o cabelo penteado para trás, e focando-se apenas no rosto da Sheila.

Os patinadores anteriores tinham-se mostrado incrivelmente nervosos, esperando e rezando a todos os santinhos que os seus anos de trabalho árduo fossem recompensados pela glória olímpica.

Mas a Sheila Lin não. Um sorriso pretensioso aflorou-lhe aos lábios, pintados com a mesma tonalidade rubi das joias que lhe brilhavam no cabelo preto. Mesmo em criança, sem conhecer o desporto, tinha a certeza de que a Sheila ia ganhar. Tinha no rosto a expressão de quem *já tinha* ganho; como se tivesse a medalha de ouro ao pescoço e o patim firmemente pousado sobre o cadáver ainda estrebuchante do adversário.

Não me tornei patinadora por alimentar uma fantasia infantil de usar lantejoulas e rodopiar como um pião. Tornei-me patinadora porque queria sentir-me como *ela*.

Feroz. Confiante. Uma deusa guerreira coberta de purpurinas. Tão segura de mim que seria capaz de realizar os meus sonhos através de pura força de vontade.

A patinagem foi o meu primeiro amor, mas, nos anos que se seguiram, tornou-se muito mais. Era a única coisa em que era boa, a minha única esperança de sobrevivência, de fugir daquela casa escura e decadente, do meu irmão e dos seus ataques de fúria. E, se trabalhasse arduamente, se me tornasse suficientemente boa... um dia, talvez conseguisse ser tão invulnerável como a Sheila Lin.

O campeonato nacional era o primeiro passo, o início de tudo. Em breve, disse a mim mesma, olhando para a escuridão para lá da janela do quarto, eu e o Heath estaríamos livres deste lugar.

E, desse por onde desse, estaríamos juntos.

## CAPÍTULO 4

Quando consegui esgueirar-me para fora de casa já o sol estava a nascer.

O Lee estava de barriga para baixo no sofá da sala de estar. A lareira estava cheia de beatas de cigarros e viam-se marcas de garrafas por todo o piso de madeira. Para o meu irmão, era esta a ideia de uma noite tranquila em casa.

Lá fora, a manhã estava nítida e calma, silenciosa, tirando o bater suave das ondas e o som dos meus passos sobre a gravilha à entrada. Estuguei o passo, passando a correr pela *pick-up* enlameada do Lee e seguindo o caminho que o Heath percorrera no escuro.

A casa da minha família fica situada num subúrbio distante de Chicago, mais próximo da fronteira com o Wisconsin do que da cidade, conhecido como The Heights devido à sua *muito* ligeira elevação em relação à paisagem plana em seu redor. A maior parte da área foi povoada no final do século XIX, na sequência dos incêndios e revoltas de trabalhadores que obrigaram os parvalhões mais ricos a trocar a baixa de Chicago pela segurança relativa da margem norte do Lago Michigan. Os Shaws já lá estavam há décadas.

Os meus tetravós lá para trás compraram uma grande parcela de terreno à beira do lago numa altura em que a zona não era mais do que terra, areia e carvalhos negros dobrados pelos ventos que sopravam sobre a água. Uma geração depois, outro Shaw construiu uma casa mesmo à beira do lago, deixando floresta suficiente para bloquear a vista de futuros vizinhos intrometidos.

A casa em si é relativamente simples: uma modesta quinta de pedra com toques góticos revivalistas. O terreno é que é valioso. Mais ou menos a cada dez anos aparecem construtoras a bisbilhotar, oferecendo rios de dinheiro, e o Shaw residente nessa altura manda-os à merda, por vezes com a agressividade passiva da região centro-oeste, por outras com o cano de uma espingarda.

Dá para perceber de onde vem a minha personalidade encantadora.

Em miúda, odiava aquela casa. Quando os meus pais a herdaram, já caíra no abandono das teias de aranha, e a minha mãe morreu antes de concretizar os seus grandiosos planos de remodelação. Se não estivesse na escola ou no rинque, geralmente, andava ao ar livre; a princípio, sozinha, e, mais tarde, na companhia do Heath. Nos meses mais quentes, o lago era o nosso lugar favorito. Mergulhávamos nas ondas, subíamos ao cimo das rochas para ver os veleiros e os cargueiros a passar, e fazíamos fogueiras na pequena língua de areia que fazia as vezes de praia privativa.

Quando o tempo mudava, recolhíamos ao estábulo. Toda a gente ainda se referia assim àquela construção, embora tivesse deixado de ter cavalos décadas antes de o meu pai nascer. Feito da mesma pedra cinzenta da casa, ficava no limiar norte da propriedade, mesmo ao lado do jazigo da família. O Lee mantinha-se longe dessa zona da propriedade. Nunca visitava as sepulturas dos nossos pais, nem nos aniversários nem no aniversário da sua morte.

Assim, quando o Lee expulsou o Heath de casa pouco mais de uma hora depois do funeral do nosso pai, pareceu-me o esconderijo ideal. Durante semanas, levei-lhe coisas às escondidas: velas, lenha, um velho colchão que desencantei na cave, até uma aparelhagem portátil.

Quando entrei no estábulo nessa manhã, percebi que o Heath não tinha descansado muito mais do que eu. Costumava arrastar o colchão até à baía mais quente, longe da claraboia partida que servia de chaminé improvisada, e punha um noturno de Debussy a tocar na estação de rádio de música clássica que sintonizava quando não conseguia dormir. A fogueira da noite anterior transformara-se em cinza e, embora a luz do sol comesçasse a derreter os cristais de gelo no que sobrava da janela, estava ainda tanto frio que dava para ver a minha respiração.

Trouxera-lhe o seu casaco mais quente, que lhe pus sobre os ombros antes de me deitar ao seu lado. Ele abriu os olhos e, mesmo na penumbra, conseguia ver que o seu olho direito estava negro, uma flor púrpura abrindo-se entre as pestanas e a maçã do rosto.

Toquei-lhe na pele inchada com a ponta dos dedos. Devia estar sensível, mas o Heath expeliu uma nuvem de vapor e aproximou-se do meu toque.

— Vou matar o Lee — disse eu.

— Não está assim tão mau. — Os dentes do Heath batiam quando falava. Descalcei os sapatos e esfreguei as meias de lã contra os seus dedos dos pés dormentes do frio. — Consegues disfarçá-lo para o campeonato, não consegues?

Acenei que sim, embora não estivesse segura de que o corretor aguado de supermercado que tinha no estojo de maquilhagem fosse suficiente.

— Parece-me que ter ficado a congelar aqui fora talvez tenha ajudado a que não inchasse muito. — Afastou-me o cabelo da cara, ficando com os dedos presos numa madeixa. — Ainda bem que ele não te magoou.

Há muito que o Lee já percebera: a melhor maneira de me magoar era magoando o Heath.

O Heath permanecia sempre estoico, não ligando a insultos e ofensas, independentemente da sua gravidade. Uma vez, o Lee empurrou-o contra a parede com tanta força que ele perdeu a consciência durante uns terríveis segundos, e, quando voltou a si, limitou-se a encolher os ombros e dizer que podia ter sido pior.

Por muito íntimos que fôssemos, sabia muito pouco sobre a vida do Heath antes de me conhecer. Tinha uma certidão de nascimento mostrando que nascera no Michigan e tinha o mesmo apelido da mãe. A linha onde devia aparecer o pai estava em branco. O nome *Rocha* era de origem espanhola, ou talvez portuguesa; a única pista concreta da sua proveniência. A maioria das pessoas da região centro-oeste olhava para a pele morena e cabelo preto do Heath e assumia que fosse mexicano ou do Médio Oriente (fazendo, conseqüentemente, outras suposições menos caridosas).

O Heath não sabia mais nada sobre os seus pais verdadeiros e insistia que não tinha vontade de os procurar. Eu nunca entrara no seu lar adotivo, um pequeno bangalô sépia junto à linha do comboio que não parecia ter espaço suficiente para albergar o número de pessoas que a dada altura lá vivia. Quando o Heath foi viver connosco, no verão antes do meu 8.º ano, o meu pai ofereceu-lhe o antigo quarto do Lee, que ele vagara assim que fez 18 anos, trocando-o por um apartamento partilhado e imundo mais próximo da cidade. O Heath ficara maravilhado com o quarto exíguo e cheio de correntes de ar, como se estivesse num

palácio, e foi aí que me apercebi de que devia ser a primeira vez que tinha um espaço só seu.

Ele não gostava de falar do passado e eu não queria intrometer-me. A única coisa que sabia era que se a vida com o Lee Shaw era uma melhoria, seja o que for que tivesse suportado antes devia ter sido verdadeiramente horrível.

— Assassinar o teu irmão parece-me *um pouco* exagerado. — Os tremores do Heath abrandaram e as palavras saíam-lhe agora mais firmes. — Mas alinhava em furar-lhe os pneus.

— Tenho uma ideia melhor — disse eu. — Vê os teus bolsos.

O Heath vasculhou o casaco até se ouvir um tilintar metálico. Um sorriso lento aflorou-lhe ao rosto ao segurar as chaves da carrinha do Lee.

Eu ainda não tinha carta de condução, mas o Heath tirara a sua no verão anterior.

— Agora é que *ele* nos vai matar *aos dois* — disse o Heath.

— Não se partirmos antes de ele acordar.

Ainda agarrando nas chaves, o Heath segurou-me no rosto e beijou-me. Senti o metal frio contra a bochecha.

— O que é que eu te disse, Katarina Shaw?

Sorri e beijei-o também.

— Não há nada que eu não consiga fazer.

**NICOLE BRADFORD:** Ao início, o Heath parecia um caso perdido. Graças às aulas de hóquei, sabia patinar depressa, mas não tinha delicadeza. A dança no gelo baseia-se em manobras sobre a ponta dos patins, em sulcar o gelo com precisão e controlo.

*Num vídeo caseiro feito pela Sra. Bradford durante um dos seus primeiros treinos juntos, Katarina e Heath tentam fazer cruzamentos simples para a frente, patinando de mãos dadas.*

**NICOLE BRADFORD:** Mas eles tinham uma... ligação.

*Os patins de Heath estão constantemente a prender-se enquanto este tenta acompanhar o ritmo de Katarina. Ela aperta-lhe a mão. Ele deixa de se concentrar nos pés e olha para ela. Rapidamente, começam a mover-se em uníssono.*

**NICOLE BRADFORD:** Era como se lessem o pensamento um do outro. A técnica dele precisava de bastante trabalho. Mas nunca vi ninguém esforçar-se tanto como o Heath.

**ELLIS DEAN:** Imaginem estar tão apanhadinho ao ponto de dominar um *desporto olímpico* só para passar tempo com alguém.

**NICOLE BRADFORD:** Quando fizeram 13 anos, comecei a sonhar mais alto: campeonatos nacionais, mundiais, talvez até os Jogos Olímpicos. Eu nunca cheguei tão longe.

*Katarina e Heath acenam do primeiro lugar do pódio numa competição regional.*

**NICOLE BRADFORD:** Uma tarde, vi-os juntos num banco à porta do rink. Estavam abraçados e, por instantes, pensei que estivessem... *(Nicole aclara a voz.)* Enfim, afinal estavam a chorar. Estavam ambos tão desconsolados, que pensei que tinha morrido alguém.

*Uma série de fotografias dos jovens Katarina e Heath no rink e em casa dos Shaws: a nadar no lago, a fazer rodas na relva, aninhados em cobertores a ver televisão.*

**NICOLE BRADFORD:** Finalmente consegui que o Heath se acalmasse o suficiente para me contar que ia ser transferido para outro lar adotivo, a várias horas de distância. Partiria dali a menos de uma semana.

**JANE CURREN:** A partida do Sr. Rocha significava que a Sra. Shaw teria de desistir da patinagem, a não ser que arranjasse outro parceiro. Desde que optara pela dança no gelo, tinha desenvolvido um tipo de corpo... enfim, longe do ideal para os saltos que a modalidade individual de senhoras exigia.

**NICOLE BRADFORD:** Também fiquei triste. Mas o que podia fazer? Achei que era o fim. Porém, no dia seguinte, apareceram de mãos dadas e um grande sorriso no rosto, com a Katarina a dizer que o Heath, afinal, não ia a lado nenhum.

*Uma fotografia de Katarina e Heath pré-adolescentes, um de cada lado do pai de Katarina, à porta da arena Rosemont Horizon, após a atuação do Stars on Ice 1996 encabeçada por Lin e Lockwood. O Sr. Shaw tem os braços ao redor dos seus ombros e estão os três a sorrir.*

**NICOLE BRADFORD:** A Katarina convencera o pai a ser o tutor legal do rapaz.

## CAPÍTULO 5

O radiador da *pick-up Chevy* do Lee não funcionava e um vento gelado atravessava as borrachas gretadas das janelas. Ainda assim, as minhas memórias dessa viagem com o Heath estão repletas de aconchego.

As mãos dadas, enluvadas sobre a manete das mudanças, o sol de inverno acariciando-nos o rosto enquanto cantávamos as músicas dos Savage Garden e Semisonic que passavam na rádio. O formigueiro que se espalhava pelo meu peito, descendo-me pelo corpo sempre que o Heath olhava para mim.

Depois de vários quilómetros de campos de milho em pousio, explorações leiteiras e chaminés industriais, Cleveland finalmente apareceu no horizonte. Chegámos horas mais cedo do que se tivéssemos apanhado o autocarro; mesmo a tempo de um treino aberto na pista onde decorreria o campeonato.

Ao entrar no recinto, mesmo com o cabelo por lavar apanhado num rabo de cavalo malfeito e o sabor ao café queimado da estação de serviço na boca, sentia-me incrivelmente glamorosa, o que agora me parece ridículo. Um complexo desportivo multiusos em Cleveland, Ohio, não é propriamente o auge da sofisticação. Mas, nesse dia, olhando para a imensidão de cadeiras azuis do estádio, senti que finalmente chegara.

Enquanto esticávamos o corpo para libertar a tensão da noite em claro e das horas todas que tínhamos passado na carrinha gelada do Lee, ia observando e examinando os outros patinadores.

Identifiquei logo os atletas que tinham conquistado a medalha de prata no ano anterior, a Paige Reed e o Zachary Branwell, uns louros nórdicos apumados do Minnesota. Demonstravam uma técnica invejável, mas, embora fossem um casal dentro e fora do gelo, havia tanto calor entre si como entre duas fatias de pão branco por torrar. A Paige protegia a perna esquerda, devido a uma lesão antes do início da época.

Não reconheci as outras duas equipas. Ou era a sua primeira vez num campeonato nacional, como nós, ou tinham tido uma classificação

demasiado baixa no ano anterior para serem incluídos na emissão televisiva. Havia uma rapariga magrinha sem peito e um rapaz de sardas na cara que não constituíam grande ameaça. Os seus movimentos de lâmina eram competentes, mas não tinham fluidez, e eles abraçavam-se afastados como numa festa da escola básica.

O último par (ambos de rabo de cavalo: o dele preto e atado com uma fita como um nobre, o dela platinado e tão apertado que parecia uma divorciada depois de uma plástica) não era muito mau, mas também lhe faltava química. Patinavam ao lado um do outro em vez de um *com* o outro.

Eu e o Heath conseguíamos vencê-los, pensei, sentindo uma euforia a crescer-me no peito.

Nesse momento, começou a ouvir-se nos altifalantes uma música ritmada de orquestra e uma nova dupla entrou na pista.

Em vez do equipamento habitual de aquecimento, vestiam a roupa da prova e estavam já maquilhados. O vestido da rapariga era uma confeção *rétro* que brilhava como uma bola de espelhos azul glacial. O seu parceiro usava suspensórios a condizer sobre uma camisa preta feita à medida para enfatizar a sua postura impecável. E não estavam simplesmente a aquecer ou a ensaiar a coreografia. Estavam a fazer a prova, terminando cada passo com um enorme sorriso para as bancadas, como se a arena estivesse cheia de adeptos entusiastas.

Eram estes os nossos *verdadeiros* adversários.

Rodei o meu anel no dedo, tentando acalmar os nervos. Desde a minha primeira competição juvenil que usava o anel de noivado da minha mãe estilo *art déco* como amuleto para dar sorte. Quando era pequena, andava com ele pendurado num fio de ouro ao pescoço. Aos 16 anos, o anel já cabia no meu dedo médio e eu comecei a usá-lo sempre, pois sabia que, se o Lee lhe deitasse a mão, haveria de penhorar o diamante e gastar o dinheiro todo em álcool.

— Não te preocupes com eles — disse o Heath, que conseguia sempre interpretar a minha disposição como se fosse um boletim meteorológico. — Desde que dêmos o nosso melhor, é só isso que importa.

Não me interessava o «nosso melhor», a não ser que fosse o melhor. Tínhamos sido os melhores na pista de patinagem da nossa cidadezinha durante tanto tempo que deixara de ter significado. Se queríamos

continuar a melhorar (se queríamos tornar-nos atletas de calibre olímpico), devíamos ser espicados, desafiados. Aqui estava o desafio perfeito, passando por nós numa mancha de lantejoulas azuis.

Peguei na mão do Heath e entrámos na pista. Enquanto dávamos umas voltas ao rinque, a outra equipa terminou o seu programa, cortando caminho até ao centro da pista. A música recomeçou e eles repetiram a coreografia, passo a passo, sorriso a sorriso. Nem sequer pareciam cansados.

O Heath ergueu as sobrancelhas, como se dissesse: *Vamos?* Esbocei um sorriso rasgado e envolvi-o num abraço, não me preocupando em corrigir o facto de a sua mão estar demasiado baixa, pousada na curva da minha cintura.

Começámos a patinar, rodopiando pela pista, sincronizando os movimentos com o ritmo da canção. Era assim que estendíamos o tempo de treino em casa, aparecendo mais cedo e improvisando ao som da música que estivesse a dar, quer fosse a música *pop* do Top 40 que punham a tocar durante os treinos abertos de patinagem ou os temas alegres dos desenhos animados que acompanhavam as festas de anos das crianças.

Os nossos pés começaram por acompanhar a harmonia bombástica da secção de sopros, acelerando para correr atrás da melodia do baixo. Rodopiávamos cada vez mais depressa, o meu rabo de cavalo começando a desfazer-se, os caracóis soltos batendo-me no rosto, esquecendo os adversários. Durante breves momentos de felicidade, estávamos só eu e ele, a pista, os nossos patins e o ritmo.

E, de repente, deixei de estar nos braços do Heath.

Caí estatelada no chão, com a anca torcida num ângulo estranho, as palmas das mãos queimadas pelo gelo. Senti os olhos borrifados pela neve, vendo um par de patins deslizar e parar a poucos centímetros do meu nariz.

— Estás bem? — disse uma voz, algures acima de mim.

Os seus patins estavam tão limpos que pareciam novos em folha, a pele branca ofuscante, os atacadores meticulosamente apertados. Eu polia as minhas botas todas as noites antes de ir para a cama e nunca ficavam tão imaculadas.

— Katarina. — Ouvi a voz do Heath. A sua respiração ao meu ouvido. — Consegues levantar-te?

Pestanejei, afastando a neve derretida dos olhos. Ou talvez estivesse a chorar, não tinha a certeza. Continuava fixada naqueles patins, analisando-os. Tinham algo gravado nas lâminas. Palavras num texto delicado e corrido. Um nome.

O nome dela. *Isabella Lin*.

*Kirk Lockwood (que vimos anteriormente nas notícias dos Jogos Olímpicos de Sochi) senta-se à janela de baía na sala de estar da sua casa em Boston.*

**KIRK LOCKWOOD (ex-atleta de dança no gelo):** É para falar da Sheila?

**JANE CURRER:** Para compreender bem a Katarina Shaw, primeiro devemos falar sobre a Sheila Lin.

**KIRK LOCKWOOD:** A Sheila começou a treinar no meu rink de patinagem no verão de 1980. Não tinha parceiro. Acho que experimentara vários tipos, o que não é invulgar. Mas ela era tão boa. Não conseguia compreender porque haveria alguém de não querer ser seu parceiro. Ou porque é que eu ainda não a conhecera.

*Plano exterior da pista de patinagem do Centro de Desempenho Lockwood nos subúrbios de Boston.*

**NARRADOR:** Enquanto Sheila Lin parecia ter vindo do nada, Kirk Lockwood provinha de uma longa linhagem de patinadores. A sua família fundara o Centro de Desempenho Lockwood, conhecido por formar campeões de patinagem artística, incluindo a mãe de Kirk, Carol, que conquistou a medalha de prata na prova individual feminina nos Jogos Olímpicos de Cortina.

**JANE CURRER:** Foi um grande escândalo, quando o Kirk trocou a sua parceira pela Sheila. Ele e a Deborah Green estiveram juntos quase dez anos e tinham acabado de vencer a medalha de ouro no mundial de juniores.

**KIRK LOCKWOOD:** Se eu fosse melhor pessoa, talvez dissesse que estava arrependido. Mas não é o caso. Fazer dupla com a Sheila foi a primeira decisão que tomei sozinho, sem os meus pais a dizerem-me o que fazer.

**JANE CURRER:** A Sheila manipulou-o. Ele era o melhor, e ela queria-o para si.

**KIRK LOCKWOOD:** A Sheila era melhor do que eu, e eu sabia que me ajudaria a ser melhor do que alguma vez poderia ter sido com a Debbie. Era preciso estar à altura da Sheila, pois ela não abrandava por ninguém.

*Imagens antigas filmadas com uma câmara de vídeo de fraca qualidade mostram Sheila e Kirk a praticar rotações sincronizadas lado a lado, também conhecidas por twizzles. Kirk perde o equilíbrio e cai. Sheila nem sequer abranda.*

**KIRK LOCKWOOD:** E, se não conseguíssemos estar à sua altura, azar o nosso.

## CAPÍTULO 6

Vi uma mão estendida e agarrei-a.

Só quando estava de pé é que percebi que pertencia ao rapaz dos suspensórios com lantejoulas azuis.

Se a rapariga era a Isabella Lin, este devia ser o seu irmão gémeo, o Garrett. A semelhança com a famosa mãe deles era inequívoca. Ambos tinham as maçãs do rosto salientes da Sheila, os seus lábios carnudos, o seu cabelo de anúncio de champô. E, como ficara claro, também tinham herdado o seu talento para a patinagem.

Vencer duas medalhas de ouro consecutivas era uma proeza rara, mas a Sheila Lin alcançara algo ainda mais raro: continuar a competir depois de ser mãe. Os gémeos nasceram a seguir aos seus primeiros Jogos Olímpicos. Nos segundos, já estavam sentados na fila da frente.

Sabia que a Isabella e o Garrett tinham seguido os passos da mãe, mas continuava a vê-los como as crianças ao colo da Sheila nas reportagens em Calgary. Eram mais novos do que eu e o Heath, embora não por muito: aos 15 anos competiam já no nível avançado, ultrapassando duplas dez anos mais velhas. É incrível o que se consegue quando se nasce com a melhor treinadora do mundo.

— Magoaste-te? — perguntou o Heath, pondo um braço à minha volta.

Continuava a segurar a mão do Garrett Lin. Larguei-a, afastando-me e sacudindo o gelo das leggings.

— Estou bem. Só perdi o fôlego.

Todos os patinadores estão habituados a cair. Sabia preparar-me para absorver o impacto e evitar lesões, mas estava demasiado distraída, caindo antes de perceber o que estava a acontecer.

— Peço imensa desculpa. — O Garrett parecia mais transtornado do que eu. — Eu não...

— Não lhes peças desculpa.

Ao contrário do Garrett, que tinha quase um metro e oitenta e ainda estava a crescer, a irmã partilhava a estatura baixa da Sheila. A Isabella

mal me chegava ao queixo e, no entanto, parecia estar a olhar-me de cima.

— A culpa foi deles — disse ela.

Os dedos do Heath ficaram tensos, cravando-se no meu ombro e provocando-me uma dor surda.

— Vocês é que vieram contra *nós* — disse ele.

A Isabella cruzou os braços.

— A nossa música estava a tocar.

— Aqueles cuja música estiver a tocar têm prioridade no treino — explicou o Garrett. O seu tom era amável, sem qualquer condescendência. — Ainda assim, devíamos ter prestado mais atenção. De certeza que estás bem? Será que bateste com a cabeça ou...

— Ela está ótima. — O Heath encaminhou-nos na direção da barreira. A cada movimento dos patins, a dor espalhava-se pelas minhas costas, concentrando-se na coluna.

Não podia estar lesionada. Estávamos no campeonato nacional. Tínhamos três dias seguidos de competições à nossa frente. Trabalhávamos tanto.

— O que é que estão a fazer no *campeonato nacional* — começou a Isabella, nas nossas costas — se nem sequer sabem...?

— Bella.

A voz era baixa, o tom uniforme. Mas os dois gémeos ficaram em sentido como se tivessem recebido uma ordem militar. Segui o olhar deles e ali estava ela.

A Sheila Lin.

Tão deslumbrante em pessoa como nas fotografias na parede do meu quarto. O cabelo era mais curto, um corte preciso que acompanhava o contorno esbelto do seu rosto. Estava toda de branco: calças justas e um blazer de cabedal tão imaculado como os patins da filha.

Eu estava a poucos passos de distância da mulher que idolatrava desde que me lembrava de ser gente. E ela vira-me cair estatelada no chão como uma amadora, quase arrastando os filhos campeões comigo.

O Heath nem sequer pareceu reparar na presença da Sheila. Conduziu-me para fora da pista e ajudou-me a sentar num banco, ajoelhando-se para me colocar os protetores das lâminas.

— De que precisas? — perguntou. — Posso ir buscar-te gelo. Ou chamar um médico para ver como estás, para garantir que não há...

— Eu estou bem — repeti. Sentia as ancas perras, uma dor latejante a instalar-se na articulação direita. O movimento talvez ajudasse.

— Deixa-me descansar um segundo e já voltamos para ali.

— Vou chamar o médico.

Antes que pudesse impedi-lo, já ele se afastara. Sabia que se sentiria melhor se fizesse alguma coisa, embora eu tivesse a certeza de que o meu orgulho estava mais ferido do que o meu corpo.

Os gémeos estavam agora junto à barreira, de cabeça baixa, a receber conselhos da Sheila. Provavelmente, a falar sobre a ignorante que esbarrara contra eles por não saber as regras básicas de partilha da pista. Fechei os olhos, determinada a conter as lágrimas que ameaçavam cair.

— Por favor, diz-me que fizeste de propósito.

Olhei para cima. Era o tipo de rabo de cavalo que vira antes. Mais de perto, era tão magrinho que, em vez de um nobre, mais parecia um órfão vitoriano anormalmente alto.

— O quê? — perguntei.

— Tentar acabar com os Gémeos Lin. — Sentou-se ao meu lado, com um sorriso a contorcer-lhe o rosto pálido. — Por favor, diz-me que fizeste de propósito.

— Foi um acidente. Não estava a ver para onde ia e...

— Que pena. Fiquei com a ideia de que serias desse género.

— Que género? — Não percebia se estava a gozar comigo.

— Do género que faz tudo para ganhar. — Ele estendeu a mão.

— Ellis Dean.

Apertei-lhe a mão.

— Katarina Shaw.

— É um prazer conhecer-te, Katarina Shaw. — Aproximou-se, baixando a voz até um sussurro. — Para a próxima, aponta para o travão. Assim, será ela a esbardalhar-se no gelo.

Como se o tivesse ouvido do outro lado do rинque, a Isabella olhou furiosamente na nossa direção. O Ellis sorriu e acenou-lhe, agitando os dedos. Ela não retribuiu.

— Acredita — disse ele, através dos dentes cerrados. — Ela merece.

Quando o olhar furioso da Isabella se fixou em mim, não me dei ao trabalho de fingir um sorriso. Olhei furiosamente para ela também, fixando o seu olhar sem pestanejar até os olhos me começarem a arder.

Finalmente, ela desviou o olhar, dando um gole na sua garrafa de água incrustada com cristais Swarovski.

Era a minha primeira vitória sobre a Bella Lin. Jurei que não seria a última.

*Garrett Lin, agora com 30 e muitos anos, está sentado num sofá de pele na sua casa em São Francisco.*

**GARRETT LIN (filho de Sheila Lin):** Se acha que vou pôr-me aqui a falar mal da minha mãe, de como ela era cruel para mim e para a minha irmã, ou seja o que for... esqueça, está bem? Não foi para isso que aceitei fazer isto.

*Várias polaroides mostram Sheila durante a gravidez, seguindo-se o anúncio oficial do nascimento. Quando eram bebés, os gémeos pareciam idênticos, de cabelo preto e fraldas douradas.*

**KIRK LOCKWOOD:** A Sheila era a pessoa mais focada e motivada que já conheci. E depois engravida, de gémeos, aos 22 anos? Fiquei chocado.

**ELLIS DEAN:** A Bella e o Garrett nasceram *exatamente* nove meses depois dos Jogos Olímpicos de Sarajevo. A Sheila recusou-se a dizer quem era o pai, mas deve ter sido algum engate da aldeia olímpica.

**KIRK LOCKWOOD:** A única coisa que sei é que não fui eu. Tenho muito orgulho em ser tanto campeão olímpico como gay.

**GARRETT LIN:** Sei que a minha mãe não planeou a gravidez, mas é quase como se o tivesse feito, não é? Éramos uma dupla pré-fabricada de dança no gelo e ela calçou-nos um par de patins assim que começámos a andar.

**NARRADOR:** Após comunicar a gravidez, Sheila Lin retirou-se da vida pública. Embora não anunciasse a sua despedida, a maioria assumiu que não voltaria a competir.

*Numa série de fotografias de paparazzi, Sheila empurra um carrinho de bebé por uma rua da cidade.*

**KIRK LOCKWOOD:** Não falámos durante meses. Quando finalmente voltou a contactar-me, dizendo que queria começar a treinar para os Jogos Olímpicos de '88, quase a mandei à merda. Peço desculpa pela linguagem.

Mas, caramba, acharia ela que eu estava à sua espera? Bom, de certa forma estava, mas a questão não é essa.

*Sheila ata os seus patins no Centro de Desempenho Lockwood, olhando para a pista com uma determinação feroz.*

**KIRK LOCKWOOD:** Diz-se que é bom retirarmo-nos quando estamos a ganhar, certo? Mas ela estava tão certa de que podíamos voltar a ganhar. E quando a Sheila queria algo, só um idiota tentaria atravessar-se no seu caminho.

## CAPÍTULO 7

Na manhã seguinte, a dor na anca piorara. Convenci-me de que seria das molas do colchão do hotel a espetarem-se no meu corpo enquanto tentava dormir na confusão de ruído do trânsito da autoestrada e dos gritos de prazer, definitivamente *nada* fingidos, vindos do quarto ao lado.

Abri o chuveiro no máximo do quente e espreguicei-me por baixo da água, obrigando os músculos a descontraírem-se. A primeira prova começava ao final da manhã e terminava a meio da tarde, depois teria o resto do dia para descansar e recuperar.

Naquela altura, os campeonatos de dança no gelo começavam com a dança obrigatória, em que todas as duplas deviam executar os mesmos passos. Era a prova de que menos gostava, de longe, mas, infelizmente, o Poder Instituído da patinagem só se livrou disso já perto do final da minha carreira. A dança original era melhor, pois permitia às duplas darem o seu toque ao estilo de dança escolhido em cada época, mas eu preferia a prova final, a dança livre. Aí, podíamos escolher a música e a coreografia que quiséssemos.

Depois de um duche a ferver e de uma série de alongamentos para aquecer, consegui executar o programa obrigatório de *quickstep* sem grandes dificuldades. Não fui capaz de balançar a perna tão alto como habitualmente, mas o Heath adaptou as suas voltas para continuarmos a ter linhas paralelas. Não foi o nosso melhor desempenho, mas foi suficiente para nos deixar em sétimo lugar.

Só no dia seguinte, quando estava a vestir-me para a dança original, é que reparei no hematoma. Não tínhamos dinheiro para fatos extravagantes, por isso, o Heath usou a mesma camisa preta e calças genéricas nos três programas, enquanto eu tinha ainda um vestido elaborado que guardara para a dança livre. O meu fato das danças obrigatória e original era de veludo preto simples com alças finas e uma racha na perna; uma racha que emoldurava perfeitamente a grande mancha roxa que se espalhava da minha anca ao meu joelho.

— Isso está com mau aspeto — disse o Heath.

— Pelo menos, agora estamos a condizer — assinalei.

Conseguiira disfarçar grande parte do hematoma no olho do Heath, mas nem todos os cosméticos do mundo seriam capazes de fazer desaparecer a marca na minha perna. Era evidente mesmo através dos meus collants mais grossos. O fato da dança livre era mais comprido (um corpete estruturado sobre uma saia transparente desfiada; aproveitara-a de um vestido de baile de finalistas que comprara numa loja de roupa em segunda mão), portanto, vesti esse, ignorando as pontadas de dor que me inflamavam a coxa sempre que a saia roçava nela.

O estilo exigido para a dança original era dança de salão latina, e o nosso programa era uma rumba ao som do velho clássico «Perhaps Perhaps Perhaps» — uma mistura da versão de Desi Arnaz com a *cover* da banda Cake, proporcionando as mudanças de estilo e ritmo que o júri gostava de ver num programa bem equilibrado.

Mais tarde na nossa carreira, as danças latinas tornar-se-iam a nossa especialidade, uma vez que nos permitiam tirar partido da nossa química natural (e muitos dos jurados achavam que o Heath tinha ascendência latina, uma ideia preconcebida que ele não se preocupava em corrigir se aumentasse a nossa pontuação). Não éramos tão refinados nessa altura, mas o estilo latino era um dos nossos melhores. Enquanto o *quickstep* se baseava em movimentos repentinos e controlados, a rumba exigia uma postura formal na parte superior do corpo e movimentos mais exagerados e sensuais na parte inferior.

Não era a combinação ideal para o estado em que eu me encontrava. Poucos segundos depois do início do nosso programa, o Heath percebeu que eu estava cheia de dores, e eu percebi quão desesperadamente ele queria parar para ver se eu estava bem.

Não podíamos parar. Se parássemos, acabava-se tudo. Assim, deixei-me levar pelo embalo dos passos e conseguimos chegar ao fim. Ao patinarmos de volta à barreira, o Heath enlaçou-me a cintura com o braço e manteve-se assim durante todo o percurso até à zona de *kiss and cry*<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup> A zona de *kiss and cry* nos Jogos Olímpicos, mais particularmente na patinagem artística, é a área do recinto onde os atletas se juntam com os treinadores após a prova para receberem as pontuações, que poderão dar origem a felicitações ou desilusão. [N. T.]

onde aguardaríamos a nossa pontuação. Ele sabia que eu não haveria de querer que alguém me visse a coxear. Sobretudo os Lins, que estavam prestes a entrar na pista com o último grupo para fazer o aquecimento.

Nessa noite, quando regressámos ao hotel, estava a nevar tanto que quase deixámos passar o letreiro néon que piscava com a indicação de *Vagas*. E eu estava com tantas dores que não consegui sair do carro sem a ajuda do Heath. Teve de me levar ao colo até ao quarto, como se eu fosse uma noiva.

Enquanto ele enfrentava a neve para ir à farmácia do outro lado da rua, fiquei deitada na cama de barriga para baixo, ouvindo o vento a sacudir os vidros frágeis e entrando silenciosamente em pânico.

A dupla que ficara em sexto lugar tinha tropeçado durante a sequência de *twizzles* e, no final da dança original, demos por nós em quinto lugar, mesmo atrás do Ellis Dean e da sua parceira, a Josephine Hayworth. Faltava uma prova e estávamos a pouca distância do pódio. Só teríamos de avançar um lugar, uma vez que, além dos habituais bronze, prata e ouro, era atribuída uma medalha de peltre a quem ficasse em quarto lugar no campeonato nacional.

O pior da dor concentrava-se na articulação da anca, mas até o mais pequeno movimento me atacava o resto do corpo. Dantes, o anel da minha mãe ficava-me largo. Agora tinha as mãos tão inchadas que não conseguia fazê-lo passar do nó do dedo.

O Heath voltou com as pestanas cobertas de neve, trazendo paracetamol, um frasco de bálsamo tigre e um saco de gelo. Ia alternando entre o frio do gelo, o calor das suas mãos e a estranha combinação de ambos do bálsamo. Nada fazia diferença.

Odiava ser tratada desta maneira, como uma criança indefesa. Apenas deixara o Heath fazê-lo uma vez.

No dia em que o meu pai morreu.

Ele ia sempre buscar-nos à pista de patinagem quando voltava para casa da faculdade onde lecionava História. Quando não apareceu nessa tarde, disse a mim mesma que devia ter-se esquecido, devia ter-se distraído e perdido a noção do tempo. Quando éramos crianças, eu e o Lee dávamos muitas vezes com ele sentado no mesmo sítio durante horas, a olhar fixamente para o papel de parede como se esperasse ver o rosto da nossa mãe no padrão. Era tremendamente triste, portanto, nunca falávamos sobre isso.

Mas desde que o Heath viera morar connosco, o meu pai melhorara. Estava mais presente. Por vezes, até chegava ao ringue mais cedo e ficava sentado nas bancadas, a ver-nos patinar e a conversar com os outros pais, que eram mais mães do que pais. Aquelas mulheres *adoravam-no*. Talvez tivesse um certo charme desengonçado e distraído de professor.

A Nicole deixou-me usar o telefone do escritório nas traseiras para lhe ligar, mas ninguém atendeu na sua extensão da faculdade. Passada uma hora, ela desistiu e levou-nos a casa. A casa estava às escuras, mas, conforme nos aproximámos, vi uma luz bruxuleante. No escritório do meu pai.

Senti uma mistura estranha de raiva e alívio. Eu estava certa, ele tinha-se esquecido de nós. Assim, quando entrámos em casa, em vez de o cumprimentar, olhei para o Heath e levei um dedo aos lábios. Fomos em bicos de pés pelo corredor.

Só queríamos surpreendê-lo, pregar-lhe um pequeno susto. Uma partida insignificante em jeito de vingança. Ele iria gritar, depois rir-se, e ficaríamos quites. Arranjar-nos-ia algo para comer (waffles congelados ou macarrão com queijo de pacote — o repertório culinário do meu pai não era extenso) e deixaria o Heath escolher a música para o jantar da sua coleção de discos. Sentar-nos-íamos à mesa a conversar, como uma família normal.

O Heath sempre teve inveja de eu ter crescido com um pai, um irmão e uma casa onde morar, mas a verdade é que a minha família nunca me pareceu nada normal até o Heath passar a fazer parte dela. Talvez fosse a sua afinidade partilhada pela música ou a atenção total que o Heath prestava durante as divagações frequentes do meu pai. Ou talvez fosse simplesmente o facto de o Heath ser uma criança que o meu pai podia mimar sem ser assombrado pelas memórias do amor que perdera. A única coisa que sabia era que a presença do Heath despertara uma luz no olhar do meu pai que outrora eu temera ter-se apagado para sempre.

A porta do escritório estava ligeiramente aberta. Encostei os dedos ao painel de carvalho e empurrei. As dobradiças chiaram e eu estremei. Já não íamos passar despercebidos.

Mas o meu pai não se mexeu. Estava sentado no seu velho cadeirão de pele favorito, virado para a janela de baía; gostava de olhar para

o lago enquanto pensava. O brilho emitido pelo seu candeeiro de banheiro refletia no vidro, mostrando a imagem espelhada do seu rosto.

A pele pálida. A boca aberta. Os olhos arregalados, fixos e vazios.  
Morto.

A próxima coisa de que me lembro é da mão do Heath nas minhas costas, virando-me para si, abraçando-me com força como se estivéssemos a dançar.

Depois, passados minutos, ou talvez horas, os dedos do Heath a apertar os meus no alpendre, ao ver a ambulância a afastar-se. Com as luzes desligadas, sem sirene. No seu interior, aquilo que o meu pai outrora fora fechado num saco preto sobre uma maca.

O Heath tinha ligado aos paramédicos. Também ligou ao Lee para lhe dar a trágica notícia, depois meteu-me na cama e ficou ao meu lado até eu adormecer. Quando acordei, apenas uma hora depois, a soluçar e a tremer, o Lee ainda não tinha chegado, mas o Heath não se mexera nem um milímetro.

Quando lhe estendi o braço, ele não hesitou. Subiu para a cama e enfiou-se ao meu lado sob os lençóis, e eu agarrei-me a ele como se estivesse suspensa sobre uma escuridão imensa e ele fosse a única coisa a impedir-me de cair.

Foi a primeira noite em que partilhámos uma cama. E, desde então, sempre tive dificuldade em adormecer sem os seus braços à minha volta. O Heath Rocha esteve lá para mim quando mais ninguém estava.

No motel em Cleveland, consegui adormecer com o rosto encostado ao peito do Heath e os seus dedos a acariciar-me levemente o cabelo. Quando acordei de manhã, parara de nevar, mas a minha anca gritava de dor.

O Heath olhou para mim e disse:

— Katarina, tens de ser vista por um médico.

Ambos sabíamos que não tínhamos dinheiro para pagar um médico. E sabíamos que, se não competíssemos nesse dia, isso poderia significar o fim da nossa carreira na patinagem. Abrir caminho para qualquer degrau do pódio era a nossa melhor hipótese de atrair a atenção de patrocinadores, um melhor treinador, *algo* que nos permitisse continuar sem precisarmos de implorar por migalhas ao meu irmão.

Pensei na Isabella e no Garrett Lin, a acordarem revigorados depois de oito horas rodeados de conforto e luxo no Ritz-Carlton. A comerem claras de ovo e fruta fresca servida literalmente numa bandeja de prata. A serem conduzidos para o recinto num carro com motorista para que o vento cortante do lago não lhes tocasse.

As pessoas como eles não sabiam lutar. Nunca precisaram de o fazer.

Sentei-me na cama. Pousei um pé na alcatifa encardida amarelo-esverdeada, depois o outro. Ao pôr-me de pé, o Heath estremeceu, como se a dor percorresse o seu próprio corpo.

Mas ele sabia que não valia a pena tentar impedir-me.

**ELLIS DEAN:** A Kat Shaw sempre foi uma cabra teimosa. *(Bebe um gole do seu martíni e ergue as sobrancelhas.)* O que foi? É um elogio. Acredite, ela iria interpretá-lo assim.

**GARRETT LIN:** Parte de ser um atleta de elite é superarmos os nossos limites quando é necessário.

**JANE CURRER:** Nunca aceitaríamos que um patinador competisse lesionado. Dito isto, cabe ao atleta e ao seu treinador tomar essa decisão. A Federação de Patinagem Artística dos Estados Unidos da América não pode ser responsabilizada por isso. Nem imputável.

**NICOLE BRADFORD:** Se tivesse estado lá, tê-los-ia retirado da competição e seguido imediatamente para o hospital mais próximo. *(Faz uma pausa, de lábios comprimidos.)* Bom, pelo menos teria tentado.

**GARRETT LIN:** A questão é que, quando superar os nossos limites é tudo o que conhecemos, quando isso nos parece normal... é difícil lembrarmo-nos sequer de que *temos* limites. Até batermos de frente com eles.

## CAPÍTULO 8

Dividi tudo em pequenos passos exequíveis, como no treino.

Primeiro, tinha de conseguir chegar ao chuveiro. Depois, tinha de me vestir. A seguir, caminhar até ao carro sem escorregar no parque de estacionamento coberto de gelo.

Um momento insuportável de cada vez, consegui chegar ao fim do dia, até eu e o Heath estarmos junto à barreira à espera de que os patinadores que estavam em sexto lugar terminassem para podermos fazer a nossa prova.

Ele pôs-se atrás de mim, com a palma da mão encostada à minha barriga, e respirámos fundo lentamente até sentirmos a nossa pulsação em unísono. Mesmo com a dor, fui percorrida por uma sensação de calma, como acontecia sempre que eu e o Heath tocávamos um no outro.

Se esta ia ser a nossa última competição, precisava de ter a certeza de que fizera tudo o que podia.

Patinámos até ao centro da pista e deixei que tudo desaparecesse. Não apenas a dor, tudo. O burburinho da multidão. O raspar dos patins. O som do apresentador a dizer os nossos nomes. Desapareceu tudo, até o meu foco se centrar no calor dos dedos do Heath entrelaçados nos meus.

Não me lembro bem dessa dança livre. Patinámos ao som de um *medley* de canções do álbum *Ray of Light*, da Madonna, com base no tema «Frozen», que estava sempre a passar na rádio naquela altura. O Heath gravara-a para mim na B96 e eu gastara a cassete, ouvindo-a repetidamente até o Lee dar um murro na parede e me gritar para «desligar essa merda».

Mas aquilo de que me lembro da nossa primeira final numa competição nacional é da maneira como o meu corpo assumiu o controlo assim que ouvi as cordas sintetizadas que me eram tão familiares. Da respiração do Heath no meu pescoço enquanto rodopiávamos em

torno um do outro num pião serpenteante combinado. Do ardor na minha perna quando entrámos no último minuto do programa e como me pareceu mais prazer do que dor.

Terminámos com um pião vertical que nos deixou de frente um para o outro e com as mãos do Heath em torno da minha cintura. O público aplaudiu ao ouvir a última nota, fazendo-o mais alto quando demos um beijo rápido e casto. Bom, casto comparado com os beijos que começámos a dar mais tarde.

Ao encaminharmo-nos para fora da pista, não conseguia parar de sorrir. Tínhamos conseguido. Não deixara que a dor fosse um obstáculo, já mal conseguia senti-la. Foi a nossa melhor prestação. Teria de bastar para nos colocar em quarto lugar. Talvez até mais acima.

Ninguém nos atirara flores nas duas primeiras provas, mas agora choviam na pista. O Heath baixou-se para apanhar uma única rosa vermelha e dar-ma.

Éramos a única dupla do campeonato sem o treinador presente, por isso, sentámo-nos sozinhos enquanto aguardávamos a nossa pontuação. Ao início, sentira-me estranha por causa disso, mas agora estava contente. Sabia que a Nicole teria tentado impedir-nos de patinar, e teria cometido um erro. Chegaríamos ao pódio nacional como eu sonhava desde os 4 anos e esta competição seria o início para nós, não o fim.

As notas técnicas surgiram primeiro. Nenhum 6,0, mas vários cinco altos. Agarrava na rosa com uma mão e no joelho do Heath com a outra. Conseguíamos quase sempre pontuações mais altas na parte artística.

A nota técnica é científica, sobretudo hoje em dia, com o sistema de classificação impenetravelmente complexo que a União Internacional de Patinagem implementou. Mas a nota artística é pura magia. É a essa que o público reage. À nossa paixão, à nossa ligação, à maneira como interpretamos cada nota da música com extensões dramáticas dos membros e inclinações subtis do queixo. Se conseguirmos fazer com que toda a assistência, desde a primeira fila até às filas mais distantes, sinta algo verdadeiro, conseguimos ganhar.

— *E agora a pontuação da impressão artística.*

Sustive a respiração. O Heath apertou-me os ombros com força.

Depois apareceu o primeiro número e deixei de saber respirar.

**ELLIS DEAN:** Foram roubados. Era eu que devia ter sido atirado para fora do pódio, e até eu sou capaz de o admitir.

**JANE CURRER:** A atuação deles foi cativante, mas tratava-se do campeonato nacional, não dos *Ice Capades*.

*Um clipe da emissão do Campeonato Nacional dos Estados Unidos da América de 2000 mostra o programa «Frozen» de Katarina Shaw e Heath Rocha, em câmara lenta e plano aproximado para mostrar as suas expressões faciais. Mesmo durante as partes complicadas, nunca desviam o olhar um do outro.*

**NICOLE BRADFORD:** Consigo compreender porque alguns jurados podem não ter apreciado o seu estilo. Patinar ao som de uma música da Madonna, o vestido que a Kat usou... Era tudo um pouco mais ousado do que o que as outras equipas estavam a fazer.

**JANE CURRER:** A apresentação é importante, e isso inclui o cabelo, a maquiagem, os fatos. O conjunto todo.

**ELLIS DEAN:** Bom, sim, era o vestido mais feio que eu alguma vez vira. Mas ela também o tinha usado na dança original e não a chatearam por causa disso.

*Katarina e Heath reagem às pontuações da sua apresentação artística. Katarina está com ar de quem quer partir alguma coisa. Heath aperta-lhe a mão. Ouvem-se algumas vaias vindas da assistência.*

**JANE CURRER:** Considero a patinagem artística um desporto conservador e não vejo porque é que isto há de ser algo de negativo. Os jovens atletas que conquistam medalhas pelos Estados Unidos andam pelo mundo como embaixadores do nosso magnífico país. Devemos garantir que têm uma conduta adequada. Dentro e fora do gelo.

**ELLIS DEAN:** Eles olharam para a Kat Shaw e viram uma parola, e olharam para o Heath Rocha e viram um estrangeiro. Não interessa se era tão americano como qualquer um desses jurados arrogantes.

**JANE CURRER:** Como já disse, defendo as minhas pontuações e as minhas decisões. No campeonato de 2000 e em todas as competições que se seguiram.

**PRODUTORA (fora do enquadramento):** E a sua decisão em relação a...

**JANE CURRER:** Passemos à próxima pergunta.

# UMA HISTÓRIA DE AMOR ÉPICA QUE SE ESTENDE DA PISTA DE GELO ÀS LUZES DA RIBALTA

Durante anos, Katarina Shaw e Heath Rocha estiveram nas bocas do mundo, mas nem sempre pelas melhores razões. Enquanto um dos pares mais mediáticos de sempre da patinagem artística no gelo, idolatrados por um público cativado pela sua química inegável e espírito rebelde, foram também alvo de largas críticas e rumores maliciosos que dificultaram o seu caminho até à fama.

Agora, dez anos depois do final da sua carreira, estreia um documentário não autorizado que pretende revelar a «verdadeira história» de Shaw e Rocha. Com testemunhos daqueles que presenciaram a sua paixão incandescente e relação tumultuosa, a verdade surge como um choque maior do que as manchetes do passado.

«Fazendo lembrar *O Monte dos Vendavais* e *Daisy Jones & The Six*, este romance é brilhantemente coreografado como uma performance digna de medalha de ouro que nos deixa em suspenso até à última página.»

**JODI PICOULT, AUTORA BESTSELLER**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-980-3



9 789895 839803